



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**MARIA EDUARDA ANGEIRAS DE MENEZES**

**Religião, conservadorismo e Jair Bolsonaro (2018-2022)  
O recurso a elementos religiosos e conservadores na eleição e governo de Jair Bolsonaro:  
um estudo de caso sobre o neopentecostalismo e a agenda da ultradireita no Brasil**

**JOÃO PESSOA  
2022**

MARIA EDUARDA ANGEIRAS DE MENEZES

**Religião, conservadorismo e Jair Bolsonaro (2018-2022)**  
**O recurso a elementos religiosos e conservadores na eleição e governo de Jair Bolsonaro:  
um estudo de caso sobre o neopentecostalismo e a agenda da ultradireita no Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Relações Internacionais.

**Área de concentração:** Religião e Relações Internacionais.

**Orientador:** Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre.

**JOÃO PESSOA**  
**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M543r Menezes, Maria Eduarda Angeiras de.  
Religião, conservadorismo e Jair Bolsonaro (2018-2022) O recurso a elementos religiosos e conservadores na eleição e governo de Jair Bolsonaro: um estudo de caso sobre o neopentecostalismo e a agenda da ultradireita no Brasil [manuscrito] / Maria Eduarda Angeiras de Menezes. - 2022.  
30 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2022.  
"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre ,  
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."  
1. Política brasileira. 2. Neopentecostalismo. 3. Ultradireita.  
4. Jair Bolsonaro. I. Título  
  
21. ed. CDD 320.981

MARIA EDUARDA ANGEIRAS DE MENEZES

**O RECURSO A ELEMENTOS RELIGIOSOS E CONSERVADORES NA ELEIÇÃO E GOVERNO DE JAIR BOLSONARO: um estudo de caso sobre o neopentecostalismo e a agenda da ultradireita no brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

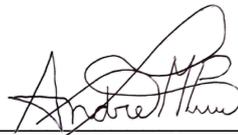
Aprovado em: 07/11/2022 .

**BANCA EXAMINADORA**



---

Fábio Rodrigo Ferreira Nobre (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

André Mendes Pini  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Cristina Carvalho Pacheco  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*O fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes.  
Nosso dever é desmascará-lo e apontar o dedo para  
cada uma de suas novas formas - a cada dia, em cada  
lugar do mundo.*

Umberto Eco

## RESUMO

Diante do cenário estabelecido no pleito presidencial de 2018, quando a população religiosa, especificamente evangélica neopentecostal, se mostrou determinante para a vitória do presidenciável Jair Bolsonaro - que se enquadra no espectro político da ultradireita -, uma afinidade entre as agendas destes grupos foi manifestada. Portanto, o presente trabalho buscou analisar, sem esgotar a complexidade do tema, as características dos evangélicos neopentecostais no Brasil, bem como as particularidades dos grupos da ultradireita brasileira, e delimitar convergências nas agendas ideológicas de ambos os grupos. Busca-se, por fim, determinar quais os mecanismos causais que explicam a aproximação entre o neopentecostalismo e a ultradireita no Brasil. Também foi realizado o esquadramento, através de consulta bibliográfica, da forma como o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, se inseriu, durante sua campanha e governo, nessas comunidades, se aproveitando de pautas sensíveis para radicalizar a população e angariar eleitores.

**Palavras-chave:** Política brasileira, Jair Bolsonaro, Neopentecostalismo, Ultradireita.

## **ABSTRACT**

Given the scenario established in the 2018 presidential election, when the religious population, specifically neo-Pentecostal evangelicals, proved to be decisive for the victory of the presidential candidate Jair Bolsonaro - who falls within the political spectrum of the far right -, an affinity between the agendas of these groups was manifested. Therefore, the present work sought to analyze, without exhausting the complexity of the subject, the characteristics of neo-Pentecostal evangelicals in Brazil, as well as the particularities of Brazilian far right groups, and to delimit convergences in the ideological agendas of both groups. Finally, it seeks to determine the causal mechanisms that explain the approximation between neo-Pentecostalism and the far right in Brazil. A scrutiny was also carried out, through bibliographic consultation of the way in which the current president of Brazil, Jair Bolsonaro, inserted himself, during his campaign and government, in these communities, taking advantage of sensitive guidelines to radicalize the population and raise awareness voters.

Keywords: Brazilian politics; Jair Bolsonaro, Neo-Pentecostalism, Far right.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	<b>Convergência das Principais Pautas Políticas entre a Ultradireita Brasileira e os Grupos Neopentecostais .....</b>	<b>27</b>
Quadro 2 -	<b>Quadro 2 - Abordagem de Bolsonaro acerca das temáticas convergentes entre neopentecostais e ultradireitistas.....</b>	<b>29</b>

## SUMÁRIO

	Considerações Iniciais.....	9
1	<b>ADVENTO DO NEOPENTECOSTALISMO E AS TRÊS ONDAS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO.....</b>	<b>10</b>
1.1	Crescimento Neopentecostal no Brasil .....	11
1.2	Teologias da prosperidade e do domínio .....	13
1.3	Teologia do Domínio .....	14
1.4	Crete não entra em política .....	15
1.4.1	<i>Irmão vota em irmão: a inserção Neopentecostal na política eleitoral</i> .....	15
1.5	O neopentecostalismo pragmático na campanha de Jair Bolsonaro .....	16
2	<b>A ULTRADIREITA EM FOCO .....</b>	<b>18</b>
2.1	Ondas da ultradireita .....	20
2.2	A Ultradireita Brasileira .....	21
2.3	A Ultradireita na agenda política de Jair Bolsonaro .....	23
3	<b>CONVERGÊNCIAS ENTRE EXTREMA DIREITA E NEOPENTECOSTALISMO .....</b>	<b>24</b>
3.1	Como Bolsonaro lida com essas temáticas .....	27
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Westfália, além de estabelecer uma nova ordem mundial, lançou a teoria da decadência da religião como ator das relações internacionais. Se durante o século XVII as guerras, em sua maioria, eram frutos de conflitos religiosos entre os Estados, os acordos de 1648 surgiram alterando essa dinâmica, através de teses seculares que estabeleceram a separação entre Igreja e Estado (HAYNES, 2016). Desde então, apesar de estar presente, a religião foi um tema olvidado no estudo das Relações Internacionais (RI), desse modo, o discurso sobre a matéria tornou-se predominantemente secularizado e permaneceu assim até os anos finais do século XX, quando, segundo Haynes (2016), atores religiosos adquiriram proeminência crescente em assuntos domésticos.

Apesar disso, o marco da volta da religião ao *mainstream* dos estudos de RI foram os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos (REUS-SMIT, 2005), quando muitos estudiosos reconheceram que a religião exerce o que Joseph Nye chama de *soft power*, resumidamente, a forma como o ator estatal ou não estatal é capaz de influenciar as diversas esferas das relações entre os agentes internacionais (HAYNES, 2016).

Diante dos avanços advindos com o início do século XXI, outro fenômeno ressurgiu adquirindo protagonismo nas relações internacionais, a saber; os grupos de extrema direita e a direita radical. Estes grupos, após a Segunda Guerra Mundial (SGM) passaram a se movimentar de maneira marginalizada. Entretanto, com o distanciamento temporal da SGM essas comunidades se reorganizaram. Dessa forma, Cas Mudde (2019) afirma que o mundo está vivenciando o que ele denomina de “quarta onda da ultradireita do pós-guerra”. Em seus estudos, Mudde faz a diferenciação entre os dois principais grupos da ultradireita, denominando-os de extrema-direita (que rejeita completamente a democracia) e direita radical (que opera dentro das instituições democráticas, mas se posiciona contra os valores fundamentais desse sistema). O cientista ainda caracteriza a quarta onda “[...] por extrema heterogeneidade, bem como integração e normalização” (MUDDE, 2019), uma vez que a ultradireita tenha operado à margem da política democrática durante muitas décadas, atualmente eles “são o novo *mainstream*” (MUDDE, 2019). O autor ainda alega que, durante as duas ondas anteriores, os movimentos de ultradireita eram vistos como patologias sociais, e estudava-se o porquê de algumas pessoas os apoiarem, ou seja, as associações ou partidos de ultradireita estavam à beira da sociedade e longe de uma ascensão efetiva, contudo com a quarta onda isso mudou. Para Cas Mudde, essa mudança ocorreu quando partidos de direita incorporaram os ideais da direita radical a sua corrente principal.

Nesse sentido, o mundo assistiu à recente escalada ao poder de líderes ultradireitistas em diversos países<sup>1</sup>, como Donald Trump nos Estados Unidos da América e Jair Bolsonaro no Brasil. Em território nacional, Bolsonaro contou com o apoio dos evangélicos neopentecostais, cuja mobilização foi um dos fatores determinantes para a vitória do presidenciável no ano de 2018, pois, de acordo com a pesquisa realizada no dia 25 de outubro de 2018 do instituto Datafolha, entre os evangélicos Bolsonaro teria cerca de mais de 11 milhões de votos do que seu principal adversário, Fernando Haddad. Portanto, levando em consideração a presença da religião como agente de interesse nas relações dos Estados e por sua capacidade de influir tanto na política externa quanto na interna, faz-se mister delinear as características das denominações neopentecostais. Além da influência que estas congregações religiosas representaram na política brasileira durante a eleição presidencial de 2018, em que foi eleito o candidato de direita radical Jair Bolsonaro. Portanto faz-se mister analisar, sem esgotar a complexidade do tema, as características dos evangélicos neopentecostais no Brasil, bem como as particularidades dos grupos da ultradireita brasileira, e delimitar convergências nas agendas ideológicas de ambos os grupos. Busca-se também determinar quais os mecanismos causais que explicam a aproximação entre o neopentecostalismo e a ultradireita no Brasil. Além de analisar a forma como o ex-militar Jair Bolsonaro se utilizou destas convergências para angariar eleitores.

## **1. ADVENTO DO NEOPENTECOSTALISMO E AS TRÊS ONDAS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO**

“Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava” (Atos 2:4), essa passagem do quinto livro do novo testamento da Bíblia é uma das bases da doutrina pentecostal. Essa vertente evangélica, surgiu de um movimento iniciado nos Estados Unidos da América (EUA) a partir de 1906. Na ocasião, foi realizada uma sequência de eventos conhecidos como Avivamento da Rua Azusa, onde o pastor afro-americano William J. Seymour conduzia os encontros que teriam registrado ocorrências da atuação direta do Espírito Santo, como a cura de doenças e pessoas falando em línguas desconhecidas (fenômeno conhecido como glossolalia). O estilo desses cultos também se destacou pelo clima eufórico e barulhento, marcado por gritos e danças,

---

<sup>1</sup> Como exemplos podem ser citados o primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orban e o deputado português e fundador do partido ultradireitista Chega, André Ventura.

fugindo do comedimento das missas católicas e dos cultos dos protestantes tradicionais (ROCHA, 2020).

Com o sucesso, a curiosidade e a alta procura do evento por parte do público, as cerimônias ao estilo da Rua Azusa começaram a ocorrer em outras localidades, e em 1910, apenas quatro anos depois das primeiras manifestações modernas do pentecostalismo nos EUA, o movimento chegou ao Brasil através do pregador Luigi Francescon com a fundação da Igreja Congregação cristã no Brasil (FRESTON, 1993). O sociólogo Paul Freston (1993) divide o pentecostalismo brasileiro em três períodos conhecidos como as ondas pentecostais. Posteriormente, o também sociólogo Ricardo Mariano (1999) as nomeou como “pentecostalismo clássico”, “deuteropentecostalismo” e “neopentecostalismo”, sendo essa a categorização que será usada na presente pesquisa.

A primeira onda, o pentecostalismo clássico, surgiu por volta de 1910 e tem como principais práticas o batismo no Espírito Santo, experiência onde o fiel se batiza nas águas para remissão dos pecados, a glossolalia que consiste no dom de falar em línguas desconhecidas e a crença na volta iminente de Jesus Cristo à Terra. Igrejas expoentes dessa onda são a Congregação Cristã no Brasil, que iniciou suas atividades em São Paulo, e a Assembleia de Deus, oriunda de Belém do Pará.

A segunda onda, o deuteropentecostalismo despontou nas décadas de 1950/60 e trouxe para o pentecostalismo o preceito da Cura Divina e as experiências de expulsão de demônios, além da ideia do evangelismo itinerante e o projeto de difusão dos cultos através de meios de comunicação em massa como rádio e televisão. As principais igrejas representantes são a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e a Igreja Deus é Amor (1962) (FRESTON, 1993). Mariano (1999) ainda afirma que é unânime entre os pesquisadores norte-americanos a noção de que o evangelismo baseado na cura foi o grande responsável pela explosão pentecostal em diversas partes do mundo.

Ademais, nas décadas finais do século XX surgiram as primeiras manifestações do neopentecostalismo, que emergiu afirmando-se como uma renovação das igrejas pentecostais, pois rompe com importantes fundamentos do pentecostalismo clássico. O ascetismo religioso e a crença numa salvação pós vida são exemplos dessa ruptura, já que os neopentecostais creem numa graça alcançada ainda em vida, contrariando as duas ondas anteriores, além de abandonarem hábitos austeros perante atitudes previamente consideradas “mundanas”. Além disso, o neopentecostalismo estabeleceu as Teologias do Domínio (TD) e da Prosperidade (TP) como fundamentos basilares de sua doutrina, o que demonstra uma preocupação maior em relação a vida terrena, contrariando a tendência dos pentecostais e protestantes clássicos

de priorizar as dádivas do pós vida. A Universal do Reino de Deus (1977, RJ), a Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO) e a Renascer em Cristo (1986, SP), constituem as principais igrejas neopentecostais do país conforme Mariano (2004).

### 1.1 Crescimento Neopentecostal no Brasil

Surgidas no Brasil, a partir da cria o da Igreja Universal do Reino de Deus em 1977 no Rio de Janeiro por Edir Macedo e seu cunhado R. R. Soares, as igrejas neopentecostais despontaram rompendo com vários traços sectários e asc ticos do pentecostalismo clássico, como por exemplo a aversão   hábitos e vestimentas considerados mundanos, e também com a proposi o de novos ritos, crenças e práticas, estabelecendo assim uma nova maneira de se relacionar com a sociedade. Essas denominações surgiram no cenário brasileiro de maneira rápida, e assim também se deu seu crescimento, segundo apontam os dados do IBGE, com amostragens de 1940 a 2000.

**Tabela 1 - Religiões no Brasil - 1940-2000**

ANO	Católicos	Evangélicos	outras religiões	sem religião
1940	95.2	2.6	1,9	0,2
1950	93.7	3.4	2,4	0,3
1960	93.1	4.3	2,4	----
1970	91.8	5.2	2,3	0,8
1980	89.0	6.6	2,5	1,6
1991	83.3	9.0	2,9	4,7
2000	73.9	15.6	3,5	7,4

**Fonte:** IBGE - Censo demográficos (quadro comparativo por % da popula o do país. Disponível em:

[<t\\_campos.pdf \(pucsp.br\)>](#). Acesso em: 24 ago. 2022

Conforme os resultados da Tabela 1,   possível observar que o ritmo de crescimento da popula o evangélica mais que dobrou entre os anos de 1970 e 2000, intervalo de tempo em que surgiram a maioria das igrejas neopentecostais. O censo de 2010 do IBGE ainda corrobora essa análise, uma vez que os dados passaram de 15,6% em 2000 para 22,89% em uma década (IBGE, 2010). O adiamento do censo de 2020 para 2021 e posteriormente 2022 deixa uma lacuna na análise desse  ndice na atualidade, portanto a pesquisa levará em considera o as informa es do instituto de pesquisa Datafolha, realizada em novembro de 2019 e publicada em 2020, a qual demonstra, com uma margem de erro de 2%, que no início

da segunda década do século XXI a porcentagem de brasileiros evangélicos subiu para 31% (DATAFOLHA, 2020).

Apesar disso, o crescimento dessa vertente religiosa não se atém exclusivamente ao número de adeptos. Com o passar dos anos aumentou também a quantidade de templos nas mais diversas cidades brasileiras, além da aquisição, por parte dos líderes neopentecostais, de emissoras de TV e rádio, podendo ser citadas como exemplo a compra da rede de televisão comercial aberta “TV Record”, pelo bispo fundador da IURD, Edir Macedo e a fundação da “Nossa Rádio”, rede de rádio, pelo criador da Igreja Internacional da Graça de Deus, R.R Soares.

## 1.2 Teologia da Prosperidade

Um dos fundamentos basilares da doutrina neopentecostal é a teologia da prosperidade (TP) que também pode ser chamada de evangelho da prosperidade ou confissão positiva, surgiu na década de 1940 nos Estados Unidos, mas se constituiu como movimento doutrinário apenas na década de 1970 com seu principal precursor, o pastor Kenneth Hagin. Essa doutrina prega que a obtenção de lucro e riquezas materiais não deve ser vista como um problema moral (como postula o cristianismo clássico) e sim como algo desejável e valorável, sendo o “sucesso material e o dinheiro, como reflexo da ação de Deus na vida do ser humano” (MENDES, 2018).

Conforme Menezes (2021), essa doutrina evangélica prega que

O fiel alcançará a benção desejada através da expressão de “palavras de fé” e de uma confiança plena na promessa de que por serem filhos de Deus, ele os proverá com dádivas em forma de dinheiro, destaque social e ausência de doenças, ao mesmo tempo em que males como problemas financeiros ou de saúde, são atribuídos a falta de fé e fruto do pecado, e em ambos os cenários a demonstração de fé está atrelada a doações financeiras para a Igreja (p. 7).

Segundo Almeida e Moreira (2021), no Brasil, o principal responsável por difundir a TP foi o bispo Edir Macedo. Entretanto, a doutrina logo se expandiu para as demais denominações neopentecostais como a Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Renascer em Cristo. O sucesso da teologia da prosperidade no país se deve, ainda, a um elemento característico das igrejas neopentecostais: a utilização de meios de comunicação populares como forma de alcançar um maior público. Através da transmissão de programações religiosas nos rádios e televisões, as igrejas expõem testemunhos de fiéis que já foram agraciados com as bênçãos divinas por cura física,

emocional e espiritual ou com a conquista de bens materiais. Dessa forma, grande parte da população que não possui as demandas sociais supridas pelo governo, passa a buscar na religião solução para problemas “mundanos” de caráter financeiro.

A disciplina da TP e o uso massivo de mídias como rádio e TV combinadas com um discurso devotado às demandas sociais não atendidas pelo governo, impulsionam a crença neopentecostal entre as camadas mais vulneráveis da sociedade, como esclarece a pesquisa de 2020 do Datafolha. O informe demonstra que 48% dos evangélicos ganham até dois salários mínimos e, apenas 15% possuem ensino superior completo. A pesquisa comprova o que consta no documento “Economia das religiões: mudanças recentes” da FGV (Fundação Getúlio Vargas) que utilizou dados de 2003 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o arquivo de 2007 - que carece de atualização -, apresenta as classes “C” e “D” com os maiores percentuais de seguidores das religiões pentecostais.

Sobre a correlação entre adeptos do neopentecostalismo e poder econômico e nível de escolaridade, Torres (2007, p. 106) afirma:

Nesses países periféricos, as Igrejas pentecostais recrutam a maior parte de seus fiéis entre os setores rurais mais pobres e especialmente entre as camadas urbanas de baixa renda e pouca escolaridade.

Portanto, é possível inferir que a utilização de mídias como rádio, televisão e mais recentemente internet, aliadas a um enunciado que apela para as demandas populares e a TP mostra-se uma estratégia eficaz para a conquista de novos fiéis, especialmente das parcelas menos favorecidas da população (fato que anula a existência de fiéis neopentecostais nas classes mais altas da sociedade), que se vê desamparada do Estado e busca amparo no sobrenatural.

### **1.3 Teologia do Domínio**

Além da teologia da prosperidade (TP), outra disciplina serve de base para o neopentecostalismo: a teologia do domínio (TD), conhecida também como dominionismo (PEREIRA, 2022). A TD se constrói através do dualismo *Deus X Diabo* e da ideia de que há uma guerra espiritual na qual essas entidades guerreiam pelo domínio do mundo material. A teologia do domínio ainda enfatiza a existência de demônios hereditários e territoriais, que propagam males espirituais sobre regiões específicas e até sobre indivíduos de uma mesma família, e corriqueiramente esses demônios são vinculados a santidades católicas e divindades provenientes das religiões de matrizes africanas, o que intensifica a rivalidade entre essas

denominações religiosas e instaura o que se pode chamar de guerra santa no Brasil (MARIANO, 1999).

O teólogo Eliseu Pereira (2022) relaciona ainda a teologia do domínio a Doutrina dos Sete Montes, que é fruto de uma “visão dada por Deus” a Loren Cunningham, fundador do “Juventude com uma Missão” (YWAM, na sigla em inglês) e Bill Bright no ano de 1975 nos EUA. Essa doutrina, por sua vez, prega que existem sete esferas estratégicas da sociedade que devem ser conquistadas pelos cristãos, a saber: Artes e Entretenimento, Mídia e Comunicação, Governo e **Política** (grifo nosso), Economia e Negócios, Educação e Ciência, Família e, Igreja e Religião. A teologia do domínio, portanto, confere aos fiéis a responsabilidade de entrar nessa guerra espiritual auxiliando Deus a vencer, sendo a principal forma de se obter êxito na cristianização do mundo. Esse pensamento acaba por contribuir para o aumento do interesse das igrejas neopentecostais em lançar candidatos a cargos políticos tanto municipais quanto estaduais e federais.

#### **1.4 Crente não entra em política**

Em 1910 quando se deu a chamada primeira onda do pentecostalismo brasileiro, sob forte influência do metodismo, as igrejas pregavam uma postura de rejeição e afastamento de interesses considerados “mundanos” ou “do mundo”, como por exemplo o usufruto de bebidas alcóolicas, televisão, cinema, rádio, e principalmente política. Ou seja, a denominação pentecostal exigia um ascetismo sectário de seus fiéis, pois, segundo Mariano (1999, p. 190), “para o crente pentecostal mostrar-se santificado, ele precisa exteriorizar sinais, por meio de comportamentos ensinados e exigidos pela comunidade religiosa, que os diferenciem da sociedade inclusiva”.

Ao levar em conta a herança ascética advinda do metodismo, o pentecostalismo clássico pode ser considerado uma onda apolítica do pentecostalismo, característica que começa a se alterar a partir do advento do deuteropentecostalismo, a segunda onda desse fenômeno (ROCHA, 2010). A partir da década de 1960, com o advento da Ditadura Civil-Militar brasileira, o antipoliticismo foi substituído pelo adesismo, quando, tomados pelo sentimento anticomunista advindo do fundamentalismo religioso dos Estados Unidos, os pentecostais conservadores brasileiros optaram por uma postura condescendente com o governo dos militares (ROCHA, 2010).

##### ***1.4.1 Irmão vota em irmão: a inserção Neopentecostal na política eleitoral***

O aumento dos brasileiros que se consideram evangélicos desde o final do século XX veio acompanhado do crescimento desta população na política partidária nacional. Paul Freston (1993) alega que a maior participação deste perfil na política se deu a partir de 1986 no fim da Ditadura Civil-Militar, com a Assembleia Constituinte. Ademais, o escritor Peterson Almeida Barbosa (2020) afirma que, a partir da Constituição de 1988, surgiram os denominados “políticos de Cristo”, sendo os neopentecostais da Igreja Universal do Reino de Deus os responsáveis por inaugurar uma nova forma de fazer política. Esse formato é baseado nas diretrizes que são discutidas pela cúpula da Igreja. Na IURD por exemplo, essa cúpula é formada por um conselho de bispos da confiança de Edir Macedo, que indica candidatos em um procedimento verticalizado, sem participação da comunidade. Este procedimento é repetido pelas demais neopentecostais. Ainda, segundo Barbosa (2020), há uma forte tendência dos políticos evangélicos a assumir uma postura mais governista independente da posição ideológica do governante, com o objetivo claro de que suas pautas sejam aprovadas mais facilmente.

No Parlamento, esses políticos agem de forma corporativista e institucionalizada (BARBOSA, 2020) e, dessa forma, deram origem, em 2003 e oficializada apenas em 2015, à Frente Parlamentar Evangélica (FPE), mais conhecida como Bancada Evangélica. Esse grupo conta, atualmente, com 75 deputados e 13 senadores que, em nome da fé, juntam-se na defesa de uma agenda moral para combater assuntos sensíveis como os relacionados ao casamento homoafetivo, igualdade de gênero e aborto, além de lutarem por pautas que beneficiam os templos religiosos cristãos. Essa bancada ainda se alinha com as frentes parlamentares da segurança pública e da agropecuária, conhecidas como bancadas da bala e do boi, que juntamente com a FPE, bancada da “Bíblia”, formam os três B’s das bancadas do congresso nacional, termo cunhado pela deputada do PT, Erika Kokay, em 2007.

Cabe ressaltar aqui a importância que estas frentes parlamentares têm na aprovação de leis e, portanto, na governabilidade da presidência da república, além do apoio das três bancadas à candidatura de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018, posteriormente, na manutenção deste durante seus anos de governo e também durante o pleito de 2022.

### **1.5 O neopentecostalismo pragmático na campanha de Jair Bolsonaro**

Autodeclarado católico, Jair Bolsonaro em sua trajetória até a presidência do Brasil acenou diversas vezes para o eleitorado evangélico e principalmente neopentecostal. A relevância desse movimento para sua eleição foi crucial e, por esse motivo, cabe aqui a

identificação de elementos que fizeram o eleitorado neopentecostal se identificar com a figura do ex-militar.

Durante toda sua vida política e, também, durante as eleições de 2018 e 2022, Jair se autointitulou defensor da família tradicional cristã, mas o ponto de partida determinante foi o batismo de Bolsonaro no Rio Jordão, no nordeste de Israel. Ainda em 2016 e durante o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, o então deputado se batizou nas águas, simbolizando - segundo a crença evangélica -, a aceitação de Jesus como seu único salvador e testemunhando publicamente sua fé. A cerimônia foi realizada pelo pastor Everaldo, presidente nacional do Partido Social Cristão (PSC). Já em 2018, no ano eleitoral, Bolsonaro recebeu apoio público de grandes líderes neopentecostais como, por exemplo, do deputado e pastor Marco Feliciano (PL) e do bispo dono da Tv Record, Edir Macedo. Este, utilizando-se de seu poder religioso e midiático, impulsionou a campanha de Bolsonaro entre seus fiéis e telespectadores, repercutindo notícias que privilegiam o ex-capitão e, inclusive, concedendo entrevistas exclusivas com o candidato, enquanto Bolsonaro se recusava a participar de debates em outras emissoras.

A nomeação de Damares Alves para chefia do recém reativado Ministério da Mulher da Família e dos Direitos Humanos foi outro dos acenos do presidente ao eleitorado evangélico, Damares é pastora e publicamente opositora do movimento feminista, da legalização do aborto e da maconha, e durante a campanha pelo Senado no Distrito Federal de 2022 se afirmou ligada ao integralismo, o que aparentemente não incomodou seu eleitorado visto que ela conquistou o cargo com número expressivo de votos, 714.562 segundo o portal do Senado.

A participação de Jair Bolsonaro nas Marchas para Jesus também é algo visto com bons olhos para a parcela religiosa dos brasileiros. Tais marchas constituem-se em um evento transnacional evangélico que conta com grande parcela da população neopentecostal, e já levou mais de 90 mil pessoas às ruas do Brasil. Durante a pandemia de Covid-19 no Brasil o então presidente ainda se demonstrou publicamente contrário ao fechamento obrigatório de templos religiosos, o mandatário defendeu a realização de cultos e missas mesmo depois da morte de mais de 300 mil pessoas no país, e se reuniu com o pastor Silas Malafaia para tratar dos decretos municipais que, na época, vetavam o funcionamento das Igrejas.

O apoio da Frente Parlamentar Evangélica a agenda política da direita brasileira não começou com Jair Bolsonaro, e foi intensificado com o golpe sofrido por Dilma Rousseff, onde, segundo o teólogo Fábio Py, os políticos evangélicos foram peças-chave de apoio ao *impeachment*, demonstrando uma curva na tendência de assentimento ao governo

independente da posição ideológica do governante. Dessa forma, é possível afirmar que, a partir de 2015, os parlamentares evangélicos passaram a adotar um programa ideológico aproximado do que o cientista político Cas Mudde chama de ultradireita, o que só se catalisou com a ascensão de Jair Bolsonaro ao poder.

## 2. A ULTRADIREITA EM FOCO

Embora existam diferentes nomenclaturas para se referir ao sentido mais à direita do espectro político, nesta pesquisa será utilizado o termo *Far-right* desenvolvido pelo cientista político holandês Cas Mudde (2019), na tradução para o português adotada em pesquisa sobre esse movimento nos EUA durante as eleições presidenciais de Donald Trump (PINI, 2021), ultradireita. O movimento da Ultradireita é caracterizado por defender uma relação social hierárquica entre grupos da sociedade, os membros dessa comunidade definem e dividem os *insiders*, cidadãos legítimos que estariam sendo de alguma forma injustiçados, e os *outsiders*, geralmente composto por minorias raciais e étnicas que ameaçariam o bem estar e a segurança do primeiro grupo e de uma pátria idealizada (JÜPSKAS e LEIDIG, 2020, apud PINI, 2021)

Esse movimento é altamente diverso. No entanto, Cas Mudde (2019) o subdivide em dois grupos principais, a direita radical e a extrema direita, que apesar de possuírem pautas comuns como nacionalismo, racismo e xenofobia, apresentam diferenças em como se relacionam com a democracia (MINKENBERG, 2000; LEE, 2017; MUDDE, 2018; JÜPSKAS e LEIDIG, 2020, apud PINI, 2021). Sobre essas diferenças Mudde (2019) ainda afirma que a direita radical é capaz de conviver com alguns aspectos da democracia, apesar de rejeitar o pluralismo enquanto alardeia o ultranacionalismo e o mito de uma homogeneidade nacional. Surge ainda nesse grupo a ideia de etnopluralismo, cujo ideal principal é a defesa de que as pessoas estão divididas em grupos étnicos, que são iguais, mas devem permanecer segregados. Seja implícita ou explicitamente, o etnopluralismo se tornou uma característica ideológica central da maioria dos grupos europeus de direita radical atuantes hoje. A direita radical também rejeita vínculos com o fascismo e defende um modelo democrático iliberal.

Já a extrema direita é incompatível com a democracia por ignorar todos os valores dela e propor modelos autoritários e violentos, além de incorporar elementos fascistas, como a subjugação da democracia, o estabelecimento de uma ditadura com forte culto ao líder, a centralidade da xenofobia e do racismo na política, a glorificação da violência e ainda o

emprego de técnicas de propaganda que sistematicamente enganam a população (MUDDE, 2019).

Sobre a ideologia da ultradireita, Cas Mudde (2019) em seu livro “*The Far Right Today*”, comenta:

Ideologias de extrema direita acreditam que as desigualdades são naturais e estão fora do alcance do Estado. Eles celebram a diferença e a hierarquia, e sua característica central é o elitismo, que afirma que alguns grupos e indivíduos são superiores a outros e, portanto, deveriam ter mais poder (p. 18).

Ademais, compõem a ideologia da ultradireita táticas como o populismo, que consiste na noção de uma sociedade dividida em dois grupos homogêneos e antagônicos, que seriam uma parcela da população dotada de legitimidade e uma “elite corrupta”, geralmente composta por minorias e políticos de oposição (MUDDE, 2019).

Ainda faz parte da corrente da ultradireita, o nativismo, que se traduz numa soma de discursos racistas e xenófobos estruturados em uma visão excludente da nação e o autoritarismo, que prega uma ordem social rígida, a lei e a ordem, um punitivismo severo e principalmente voltado para os “não nativos” (MUDDE, 2019). Essas ideias convergem ao fazer a separação entre um “nós”, representante da “população legítima”, e um “outro” que consistiria uma ameaça a ser combatida. O desenvolvimento de uma identidade religiosa, por exemplo, pode contribuir para criar comunidades imaginadas e reforçar essa diferenciação entre grupos.

Como exemplo de movimento da extrema direita pode ser citado o fascismo histórico, que o filósofo Jason Stanley (2018) explica como “qualquer tipo de ultranacionalismo (étnico, religioso, cultural), no qual a nação é representada na figura de um líder autoritário que fala em seu nome”. Em seu livro “*Como Funciona o Fascismo*” (2018), Stanley ainda comenta outras características dos regimes fascistas, como: a utilização de técnicas de propaganda, políticas anti-intelectualismo e exploração de um passado mítico. A política fascista fetichiza um passado idealizado, os líderes fascistas inventam e propagam histórias que extinguem os pecados da nação, e estes contos imaginários fornecem provas que apoiam a imposição de uma hierarquia no presente e ditam como a sociedade contemporânea deve ser e agir para retomar a antiga glória da pátria (STANLEY, 2018).

A distorção da realidade é outra das ferramentas usadas por líderes fascistas. Eles procuram através da repetição de pronunciamentos absurdos, notícias falsas e teorias da conspiração, destruir a confiança dos cidadãos nas mídias liberais, nos demais grupos políticos, substituindo-as em última instância pela confiança apenas numa figura, o líder ou

um partido político, quando essa política é bem-sucedida, o líder é considerado pelos seguidores como o único confiável. Mudde (2019) afirma ainda que os movimentos de ultradireita contam com uma série de pautas recorrentes. Membros desses grupos costumam apresentar especial preocupação com imigração, segurança, corrupção e política externa.

Apesar de a maioria dos líderes da ultradireita terem sido eleitos através dos sistemas eleitorais de seus países, grande parte deles alega que os sistemas políticos são corrompidos pela “elite” e por isso desacreditam dos aparatos democráticos. Como exemplo pode ser citado o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que mesmo tendo sido eleito através de votação com urnas eletrônicas afirma veementemente que o aparelho não possui segurança suficiente e, por isso, pode ser fraudado.

Nas relações internacionais, os ultradireitistas interpretam as interações intergovernamentais como um jogo de soma zero, no qual se um Estado ganha os outros necessariamente perdem (NEUMANN e MORGENSTERN, 1944), também colocam os interesses nacionais como prioridade absoluta e por isso preterem a cooperação internacional.

Além disso, os grupos da ultradireita costumam se enxergar como ameaçados, usando o argumento da existência de uma “guerra cultural”, em que os ideais marxistas e de minorias étnicas estariam supostamente tomando o controle da sociedade e, portanto, caberia aos ultradireitistas preservar a tradição e os bons costumes afetados pela globalização<sup>2</sup>. Esse argumento também acaba atingindo outras parcelas da população, como por exemplo os religiosos conservadores, que temem o progressismo.

## **2.1. Ondas da ultradireita**

Em 1988, o cientista político Klaus Von Beyme identificou três ondas desse movimento na Europa ocidental, embora haja um debate sobre os períodos de tempo exatos das diferentes ondas, elas servem para guiar os estudos acerca da ultradireita. A primeira onda ocorreu de 1945 a 1955 e teve as experiências fascistas e nazistas como ponto de partida, no período após a Segunda Guerra Mundial alguns grupos surgiram com ideais neofascistas como uma espécie de nostalgia com relação as ideologias autoritárias das décadas anteriores, entretanto, o sentimento antifascista na época se encontrava muito forte e, por isso, os grupos que surgiram não obtiveram muito sucesso e foram marginalizados.

---

<sup>2</sup> Globalização é o processo de aproximação entre as diversas sociedades e nações existentes por todo o mundo, seja no âmbito econômico, social, cultural ou político.

A segunda onda, que começou em 1950 e terminou em 1980, ficou conhecida como *onda do populismo de direita*. Ela aconteceu como uma espécie de reação contra a marginalização dos movimentos do pós guerra, além disso os membros da ultradireita desta época rejeitavam as alterações sociais do período posterior a Segunda Guerra, como por exemplo a intensificação do processo de urbanização e o desenvolvimento do estado de bem-estar social na Europa, durante esses anos não ocorreram acontecimentos significativos, tampouco novos grandes líderes ascenderam.

Em 1980 teve início a terceira onda, que ganhou força na década de 1990 e encontrou seu fim no início do novo século, em 2000. Essa onda ficou conhecida como *onda da direita radical*, e foi nela que os partidos de ultradireita começaram a adentrar nos parlamentos nacionais, portanto, na virada do século, a direita radical populista havia se tornado a ideologia dominante na extrema direita europeia. Seguindo a analogia das ondas de Von Beyme (1988), Cas Mudde identificou uma onda adicional que ele chamou de *quarta onda de extrema direita do pós-guerra*. O cientista político identifica duas tendências que explicariam a ascensão da ultradireita ao *mainstream* da política, essas tendências seriam a tese da “desigualdade econômica” e da “reação cultural”.

A primeira se baseia na ideia de que o apoio em massa de atores populistas autoritários se dá em razão das mudanças da sociedade em economias pós-industriais, marcadas pelo colapso da mão de obra industrial e por fluxos de trabalho, bens, serviços e capital globalizado (NORIS e INGLEHART, 2019 apud PINI, 2021). Enquanto a segunda alega que esse apoio se daria em razão das décadas de avanços sociais desde o pós-guerra, em que valores cosmopolitas e multiculturais avançaram bandeiras progressistas, impulsionadas pelo aumento do acesso ao ensino superior no Ocidente (NORIS e INGLEHART, 2019 apud PINI, 2021).

Cas Mudde (2019) alega ainda que a quarta onda é fruto de três “crises”, sendo estas os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América, a grande recessão do ano de 2008 e a crise migratória na Europa a partir de 2015. Porém, no Brasil, ainda vale destacar como marco essencial para o crescimento da ultradireita nacional as jornadas de 2013, quando uma série de mobilizações em massa levaram os brasileiros às ruas e as redes em nome do combate à corrupção (PRADO, 2021).

## **2.2. A Ultradireita brasileira**

Ao longo do século XX um movimento colocou o Brasil no mapa da extrema-direita internacional, a saber, o integralismo. Esse movimento, que também se transformou em partido político, surgiu no país na década de 1930, fortemente influenciado pelos ideais e práticas fascistas que se desenvolveram na Europa após o fim da primeira grande guerra mundial. O pesquisador Renato Alencar Dotta (2012) divide essa corrente em quatro períodos distintos: o primeiro período se iniciou com a publicação do “manifesto de outubro” pelo fundador e líder do movimento, Plínio Salgado, e durou de 1932 até 1938; no segundo momento, que teve início em 1938 e fim em 1945, Dotta (2012) destaca a condição de clandestinidade enfrentada pelo movimento de 1945 a 1965 com a derrocada do nazifascismo na Europa -, quando Plínio Salgado tentou retornar à arena política com o Partido de Representação Popular, o PRP e, finalmente, o quarto período que o pesquisador chama de “declínio e pulverização”, que se estende de 1965 até os dias de hoje, quando, com o advento da internet, os integralistas remanescentes passaram a criar comunidades e sites online.

Nesses sites integrantes do movimento – em sua grande maioria, jovens – divulgam suas ideias, fotos e vídeos. Os indivíduos que existiam isolados passam a travar contatos entre si, e passam a fazer reuniões regionais e nacionais. Com isso surgem, já no início do século XXI, a FIB (Frente Integralista Brasileira) e o MIL-B (Movimento Integralista e Linearista Brasileiro). No entanto, após o fim da Segunda Guerra, o movimento não recuperou a força que outrora possuía e, atualmente, integra uma pequena parte da ultradireita brasileira, que entretanto continua importando ideais ultradireitistas estrangeiros.

Prado (2021) marca os anos de 2012 e 2013 como o período em que ideais da extrema-direita e da direita radical chegaram com mais força ao Brasil. Teorias da conspiração típicas dessa corrente passaram a ter alta visibilidade, principalmente nas mídias sociais, instrumento essencial na quarta onda de ascensão da ultradireita. Em território brasileiro, esses ideais encontraram terreno fértil entre as comunidades de direita e também antipetistas de redes sociais como o *Orkut* e posteriormente *Facebook* e *WhatsApp*. Segundo Prado (2021) entre esses grupos se destacava um nome, o do escritor e filósofo autodenominado, Olavo de Carvalho, que ministrava palestras e cursos e, assim, reunia diversos alunos excepcionalmente devotados. Prado em seu livro “Tempestade Ideológica” (2021), afirma que o grupo formado por Olavo e seus discípulos possuía as características de uma seita.

Olavo, através de seus alunos, que rapidamente se tornaram influenciadores digitais detentores de milhares de seguidores, foi responsável por trazer ao *mainstream* dos debates políticos brasileiros os ideais estrangeiros da ultradireita, fato que pôde ser observado nas

grandes manifestações do “Vem Pra Rua”, quando as pautas de mobilização passaram de críticas ao regime do Partido dos Trabalhadores (PT) á discursos favoráveis a intervenção militar e antiglobalismo<sup>3</sup>, por exemplo.

Dessa forma, ideias que primeiramente surgiram no ambiente virtual chegaram às ruas, da mesma forma que o nome do, até então, deputado federal pelo Rio de Janeiro, Jair Bolsonaro. O ex-militar foi alçado como representante dessa nova direita, primeiramente por Olavo de Carvalho, mas posteriormente foi adquirindo espaço nos debates políticos através das redes da direita que, com memes, manchetes tendenciosas e notícias falsas, criaram em torno da figura do então deputado federal uma mitificação. No ex-capitão do Exército, os recém convertidos ultradireitistas enxergaram uma voz capaz de vociferar contra o politicamente correto, um homem de família cristão que preservaria os valores tradicionais, e um candidato que combateria a esquerda e a elite corrupta (PRADO, 2021).

### **2.3 A Ultradireita na agenda política de Jair Bolsonaro**

Cas Mudde enquadra Jair Bolsonaro como um político populista de direita radical, o que o coloca no espectro da ultradireita. Várias de suas atitudes, assim como elementos de sua campanha eleitoral demonstram essa aproximação. A começar pelo lema “Deus, pátria e família” utilizado por Bolsonaro durante o período de campanha eleitoral em 2018. Tal slogan é herdado da AIB (Ação Integralista Brasileira), experiência fascista vivida pelo Brasil em 1932 (ALMEIDA, 2020). Nos primeiros anos do governo Bolsonaro ocorreram diversas polêmicas relacionadas a referências ao nazi-fascismo, como o episódio com o secretário de Cultura, Roberto Alvin que, ao divulgar a criação do Prêmio Nacional das Artes, em 2020, utilizou passagens de um discurso do ministro da Propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels, e adotou também cenário semelhante ao que o alemão em seu gabinete, incluindo uma fotografia do presidente Bolsonaro alocada no centro da sala, assim como ficavam as de Adolf Hitler no período da Alemanha Nazista. Ademais, em 29 de maio de 2020 o presidente durante uma transmissão ao vivo para as redes sociais toma um copo de leite puro, gesto visto por especialistas como tendo correlação com grupos neonazistas, que adotam a prática como símbolo de supremacia racial.

---

<sup>3</sup> Antiglobalização (ou *antiglobalismo*) foi um conceito amplo criado na década de 1990 para designar a luta de diversos movimentos contra a globalização neoliberal. Fundamentado em bases políticas e sociais, o termo simboliza a crítica em relação às companhias transnacionais e organizações comerciais globais. A palavra foi utilizada pela primeira vez em 1999 pelo The Economist, publicação inglesa.

O mais recente relatório do Observatório Judaico de Direitos Humanos no Brasil divulgado em agosto de 2022 ainda alertou para a escalada de episódios de cunho neonazista e antissemita durante o mandato de Jair Bolsonaro. Ao todo, foram registrados 169 casos entre janeiro de 2019 e junho de 2022. Desses, 114 (67%) são de caráter neonazista, com referências a Hitler, além de admiração ao nazismo e seus símbolos e representações, como a suástica.

Outrossim, o ódio contra minorias como mulheres, negros e a população LGBTQIAP+, demonstrado nos discursos de Jair, constitui um dos principais pilares de suas políticas, estando estes elementos presentes em várias de suas decisões públicas. Políticas adotadas em seu governo corroboram essa análise, como por exemplo o desmonte da secretaria de diversidade do Ministério da Educação já no segundo dia da gestão. Conforme a Revista Híbrida (2020), essa secretaria era responsável por orientar políticas públicas educacionais que articulassem a diversidade humana e social aos processos educacionais.

Entretanto, para além de ações simbólicas, o governo de Jair Bolsonaro efetivamente acenou para medidas antidemocráticas em diversas ocasiões. Desde 2021 o presidente vem atacando e colocando em xeque a legitimidade tanto do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) quanto das urnas eletrônicas, chegando, inclusive, a ameaçar a realização das eleições presidenciais de 2022. Além de afrontar o Supremo Tribunal Federal (STF), com diversas alegações, entre elas a de agosto de 2021, em que afirmava não pretender acatar futuras decisões do STF que atingissem o seu governo.

Bolsonaro foi, desde o período da redemocratização, o primeiro candidato competitivo a usar o nome de Deus durante a campanha presidencial, o que gerou identificação por parte dos segmentos cristãos da população, especialmente entre os evangélicos neopentecostais, cuja mobilização foi um dos fatores determinantes para a vitória do presidencial em 2018.

### **3. CONVERGÊNCIAS ENTRE EXTREMA DIREITA E NEOPENTECOSTALISMO**

Jeffrey Haynes (2012) afirma que a ênfase dada na atualidade à ideologia secular e ao avanço da modernização, impulsionam grupos religiosos a buscarem se afirmar em um mundo complexo e multifacetado pelo avanço da globalização. De forma semelhante, a ultradireita teme e rechaça os progressos alcançados nesse planeta globalizado, como explicitado na tese da reação cultural, que afirma que o apoio dado aos políticos de direita radical é derivado das décadas de avanços sociais desde o pós-guerra, em que valores

cosmopolitas e multiculturais avançaram bandeiras progressistas, impulsionadas pelo aumento do acesso ao ensino superior no Ocidente (NORIS e INGLEHART, 2019 apud PINI, 2021). Portanto o receio e a necessidade de reafirmar seu grupo diante da ameaça representada pelas mudanças advindas da globalização é o primeiro ponto de convergência entre a ultradireita e os neopentecostais.

O avanço de pautas identitárias, como combate ao racismo, feminismo, direitos reprodutivos da mulher e questões relacionadas ao casamento homoafetivo ao *mainstream* político é visto pela ultradireita como algo danoso à sociedade, e que afastaria a população de um passado mítico da nação, tempo em que supostamente a região era “pura” religiosamente ou racial e culturalmente, e que fora destruído pelo avanço da globalização.

Essa tendência a se voltar para um passado alegadamente melhor remonta ao movimento ideológico adotado pela ultradireita, o Tradicionalismo. Essa corrente é conservadora e preza pela manutenção de práticas antigas e “tradicionais”, que teriam sido esquecidas ao longo da modernidade (SEDGWICK, 2004, apud PINI, 2021).

A ultradireita ainda faz o movimento de resgate da pauta de conservação da família heterossexual e patriarcal, corrente que o sociólogo alemão Andreas Kemper denominou familiarismo: “uma forma de biopolítica que vê a família tradicional como a base da nação e subjuga os direitos reprodutivos e de autodeterminação individuais [das mulheres em particular] aos demanda normativa da reprodução da nação”. O debate sobre família tradicional também é consagradamente uma das pautas principais dos religiosos neopentecostais. Sendo assim, a busca por um retorno a um passado mítico supostamente tradicional e a tentativa de manutenção do ideal de família constituem características que podem ser citadas como comuns aos ultradireitistas brasileiros e aos neopentecostais. A questão da legalidade do aborto, por exemplo, é debatida entre esses grupos, sendo eles comumente contra a legalização no Brasil e a favor de um argumento “pró vida”, que defende que o feto ainda dentro do útero pode ser considerado um ser humano e, portanto, é dotado de direitos. Dessa forma, o desejo de manutenção de uma determinada estrutura familiar heteronormativa constitui o segundo ponto de convergência entre os grupos estudados.

Tendo como elementos centrais a crença de ambos os grupos de que estão à margem da sociedade globalizada e o desejo de retornar a um passado tradicional, onde pautas progressistas eram suprimidas, os religiosos neopentecostais e a ultradireita brasileira passam a se voltar, principalmente a partir de 2013, quando ideais da ultradireita estrangeira chegaram com mais força ao Brasil, especialmente através do pensador Olavo de Carvalho e seus discípulos, para uma agenda convergente em diversos aspectos.

A diferenciação de um “nós” e um “outro” e a definição de um inimigo comum é mais uma das características partilhadas pelas duas agendas trabalhadas. Ao determinar e segregar, mesmo que simbolicamente, grupos antagônicos, se cria uma atmosfera de competição e desarmonia capaz de atrapalhar o jogo democrático. Neopentecostais costumemente atribuem os males do mundo à existência de uma entidade exclusivamente moldada para fazer o mal, o Diabo. Já os ultradireitistas podem atribuir essa função a grupos diversos, como estrangeiros, imigrantes, políticos de oposição e etc.

No Brasil é possível observar que a comunidade escolhida como antagonista dos “homens de bem” são os esquerdistas, tanto partidos políticos situados mais à esquerda do espectro quanto seus adeptos. O anticomunismo também é pauta de relevância para alguns grupos religiosos, e os neopentecostais acabaram por cooptar e aprofundar esse ideal quando se depararam com o crescimento dessa corrente a partir das manifestações de 2013. Portanto a identificação de um grupo antagônico visto como oponente é o terceiro ponto de convergência entre as agendas neopentecostais e ultradireitistas.

Temas relacionados ao progressismo também são discutidos em maior ou menor grau por esses grupos e, por isso, acabam por convergir em muitos momentos. Por exemplo, enquanto o racismo é uma das características mais marcantes da ultradireita, o combate ao racismo é, segundo a autora Amy Erica Smith (2019), pouco discutido dentro das igrejas pentecostais e neopentecostais, o que, portanto, abre espaço para que os ideais racistas e de hierarquização social adentrem esses ambientes religiosos. Outro tema problemático, é a proteção ao meio ambiente - que é uma das pautas rechaçadas pela extrema-direita e a direita radical -, muitos adeptos desses grupos negam as mudanças climáticas e o aquecimento global, sendo este ponto também pouco debatido dentro dos ambientes neopentecostais. Em contrapartida, a manutenção da família tradicional heteronormativa é, como já explicitado anteriormente, tema de interesse mútuo nas duas agendas apresentadas. A seguir é possível verificar no quadro elaborado pela autora, pautas importantes que são mencionadas ou não pelas duas agendas estudadas.

**Quadro 1** - Convergência das Principais Pautas Políticas entre a Ultradireita Brasileira e os Grupos Neopentecostais

PAUTAS	ULTRADIREITA	NEOPENTECOSTAIS
Ameaças da globalização	Menciona	Menciona
Família tradicional heteronormativa	Menciona	Menciona
Definição de um grupo antagônico	Menciona	Menciona
Anticomunismo	Menciona	Menciona
Negação das mudanças Climáticas	Menciona	Menciona raramente
Racismo	Menciona	Menciona raramente

\*No quadro acima, os indicadores estão associados à frequência com a qual os temas são mencionados pelos grupos abordados. Os mesmos são classificados em ordem crescente como: *não é mencionado*; *menciona raramente*; *menciona*.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Como apontado no quadro acima, as afinidades entre as pautas da ultradireita e dos neopentecostais não são irrelevantes, e muitas delas surgiram, como já citado, devido a avanços progressistas advindos da globalização e, por isso, se tornaram temáticas tão importantes na atualidade. Ambos, neopentecostais e ultradireitistas temem as mudanças advindas da globalização, bem como os dois grupos prezam pelo ideal de família considerado tradicional, eles também definem categorias que consideram como nêmesis, sendo os comunistas os mais citados nesse aspecto.

Segundo Amy Erica Smith (2020) as pautas progressistas como os perigos das mudanças climáticas são pouco tratadas pelos neopentecostais assim como a questão do racismo, e a falta desses debates nestes ambientes religiosos abre caminho para a desinformação e até negação desses temas, o que termina por aproximar os fiéis dos ideais da ultradireita, que por sua vez negam a existência dos dois fenômenos.

### 3.1 Como Bolsonaro lida com essas temáticas

Jair Bolsonaro, enquanto candidato à presidência e em seus anos de governo apresentou discursos e atitudes ligados a estas temáticas de convergência. Segundo o entendimento da maioria dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), o Governo

Federal se omitiu ao não destinar integralmente recursos para o fundo do clima (fundo que serve para combater as mudanças climáticas), essa omissão se soma a diversas outras ações e discursos, que combinados, retiraram o protagonismo do Brasil na questão ambiental e nos jogou para um estágio de *vilão climático*, devido à simpatia de Bolsonaro e seus aliados, como o ex-ministro do meio ambiente Ricardo Salles, por interesses degradadores do agronegócio, da grilagem, do garimpo e da extração de madeira.

Discursos racistas também já foram proferidos pelo atual presidente. Em uma de suas falas, em 2011, ao participar de um quadro do extinto programa de TV CQC<sup>4</sup>, quando perguntado pela cantora brasileira Preta Gil, que é afrodescendente, o que faria se seu filho casasse com uma mulher negra, Bolsonaro afirmou que não corria esse risco, pois seu filho "*foi bem criado*", associando, portanto, o relacionamento interracial com uma má-educação por parte do branco. Ele também já proferiu as palavras "*[o] afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas*", insinuando, nesse caso, que a pessoa preta/negra deveria ser pesado utilizando a mesma unidade de medida costumeiramente utilizada para pesar animais, dentre outras declarações racistas, como a afirmação de que "*(o quilombola) nem para procriador ele serve mais*", novamente equiparando o cidadão preto/negro com gado.

Ademais, o anticomunismo é uma das principais pautas da agenda de Bolsonaro, que se utilizou dessa corrente para atrair eleitores religiosos e da extrema-direita. Em suas críticas à esquerda, ele afirma que há uma tentativa de implementar um regime comunista no país, no mês de julho de 2022, durante uma missa, ele afirmou "*rezo um Pai Nosso e peço a Deus que o nosso povo, vocês, brasileiros, não experimentem as dores do comunismo*". Além disso, Bolsonaro relacionou diversas vezes o comunismo ao Diabo e forças malignas, definindo então a esquerda e os comunistas como grupos antagônicos ao seu, que seria a direita, "cidadãos de bem" e "cristãos".

Sobre a família, Bolsonaro, apesar de ter filhos com diversas mulheres diferentes e três divórcios em sua trajetória pessoal, afirma prezar pela tradição, evoca um passado mítico onde supostamente existiam apenas famílias heteronormativas e faz desse seu lema de campanha: "Deus, Pátria e Família", por sua vez, importado do já mencionado integralismo.

Sobre a globalização, o ex-militar se contrapõe valendo-se do nacionalismo. Na prática o Brasil gerido por Bolsonaro continua atuante no fluxo internacional de comércio de bens e mercadorias, entretanto nossa participação nas instituições e regimes internacionais

---

<sup>4</sup> *Custe o Que Custar* (mais conhecido pela sigla CQC) foi um programa de televisão humorístico brasileiro, de frequência semanal, produzido pela Eyeworks e exibido pela Rede Bandeirantes de 2008 a 2015.

decaiu. Quanto a isso, é possível citar a negativa de Jair Bolsonaro em conceder o Brasil como sede da 25ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas.

No quadro abaixo constam as pautas convergentes entre neopentecostais e ultradireitistas e a forma como Jair Bolsonaro as menciona em seus discursos públicos.

**Quadro 2** - Abordagem de Bolsonaro acerca das temáticas convergentes entre neopentecostais e ultradireitistas

PAUTAS	FORMA EM QUE BOLSONARO ABORDA EM SEUS DISCURSOS
Ameaças da globalização	Não diretamente
Família tradicional heteronormativa	Diretamente
Definição de um grupo antagônico	Diretamente
Anticomunismo	Diretamente
Negação das mudanças Climáticas	Diretamente
Racismo	Diretamente

**Fonte:** Elaborado pela autora.

No quadro acima é possível perceber como Bolsonaro se utilizou de temas convergentes entre a ultradireita e os evangélicos neopentecostais durante suas campanhas e anos de governo. Desta forma, o atual candidato pôde cooptar tanto eleitores neopentecostais quanto os de ultradireita e também a intersecção cada vez mais crescente devido a afinidade entre as agendas na atualidade de ambos os setores. Manuela Ferreira (2020) discorre sobre a junção da religião neopentecostal com a política da ultradireita no Brasil e afirma:

Quando uma vertente religiosa ganha muito domínio e influência sobre grande parte da população de um país, como ocorre no Brasil com as igrejas evangélicas, fica fácil ditar as condutas e manipular os comportamentos. E quando essa vertente religiosa se vincula a uma vertente política, o país se torna completamente vulnerável aos interesses desses grupos como se fossem seus próprios interesses

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as duras décadas de Ditadura Civil-Militar enfrentada pelo Brasil, nos anos 1980 o país assistiu ao fenômeno da redemocratização e com ela o advento de novos atores na política brasileira. Como exemplo os evangélicos pentecostais, que passaram, segundo o sociólogo Ricardo Mariano (2004), de uma posição de “crente não se envolve em política”, simbolizando o ascetismo contracultural que naturalizava o não comprometimento dos evangélicos pentecostais com a política, para “irmão vota em irmão”, marcando o abandono deste hábito ascético por novas vertentes da denominação pentecostal. Isso se deu, pois, na segunda metade da década de 1970 surgiu no cenário mundial aquilo que Mariano (1999) chamou de terceira onda do pentecostalismo ou neopentecostalismo. Essas novas igrejas tanto romperam com vários traços sectários e ascéticos de sua religião, como propuseram novos ritos, crenças e práticas, relaxaram comportamentos e estabeleceram novas formas de se relacionar com a sociedade e a política.

Somado a isso, a adoção das Teologia do Domínio e Teologia da Prosperidade pelos neopentecostais marca de vez o afastamento dos ideais apolíticos do pentecostalismo clássico e atesta a efetiva participação destes atores religiosos na política partidária brasileira. Visto que, segundo a TD, o ambiente político constitui uma das 7 áreas a serem conquistadas para Deus. Essa aproximação seguiu características homogêneas nos primeiros 20 anos após a redemocratização, com os políticos religiosos aderindo majoritariamente a uma posição governista, ou seja, de apoio aos que ascendiam ao poder.

Entretanto, após os acontecimentos que se seguiram posteriormente às manifestações do “Vem pra rua”, em 2013, esse cenário mudou, visto que pautas da ultradireita estrangeira chegaram com mais força ao Brasil, principalmente através do pensador Olavo de Carvalho e seus alunos.

Essas pautas foram rapidamente identificadas pelos neopentecostais e já em 2016, no golpe parlamentar que tirou a presidente Dilma Rousseff do poder, 93,8% dos políticos evangélicos mostraram-se favoráveis ao impeachment, contrariando a costumeira posição governista anteriormente adotada por eles. Prandi e Carneiro (2018) afirmam que a Bancada Evangélica, em comparação com o grupo não evangélico, votou mais fortemente apoiada em justificativas que se mostraram afinadas menos com valores democráticos e mais com o universo da tradição, o que remonta ao movimento ideológico adotado pela ultradireita, o Tradicionalismo. Essa corrente é conservadora e preza pela manutenção de práticas antigas e

“tradicionais”, que teriam supostamente sido esquecidas ao longo da modernidade (SEDGWICK, 2004, apud PINI, 2021).

Outros aspectos ainda convergem nas agendas do neopentecostalismo e da ultradireita, como por exemplo a crença de ambos os grupos de que estão à margem da sociedade globalizada, e a busca por se afirmarem dentro dessa nova configuração social. O interesse pelo combate a pautas progressistas que supostamente afetariam a família tradicional, como por exemplo a legalização do aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo configura-se como outro dos pontos convergentes.

A definição de um inimigo comum ao grupo de supostos cidadãos legítimos é mais uma das afinidades entre os extremistas de direita e os evangélicos neopentecostais, sendo esse inimigo comumente os grupos comunistas da sociedade, portanto, o anticomunismo também pode ser enquadrado como o próximo ponto convergente das agendas abordadas. O racismo e os perigos advindos das mudanças climáticas, segundo Amy Erica Smith (2019), não são temas muito debatidos nas igrejas neopentecostais, entretanto, são pautas da ultradireita, que tem práticas racistas e nega as mudanças climáticas. Nesse sentido, a falta de debate acerca desses temas dentro dos templos religiosos neopentecostais abre espaço para a desinformação, negacionismos e preconceitos.

O então presidente da república, Jair Bolsonaro, que se enquadra no espectro da ultradireita, durante suas campanhas eleitorais e também durante seus anos de governo se valeu dessas pautas convergentes como forma de aproximação dos religiosos evangélicos, aumentando a proximidade entre os grupos, que se identificaram com um nome que apropriou-se dos tópicos comuns. Portanto, é possível afirmar que a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência da República foi fruto desse fenômeno da identificação e junção de ideais de direita radical e extrema direita com a população neopentecostal brasileira.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Paulo Martins de. 163 79Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas, Serra Talhada, n. 7, vol. 2: 163-178, Jul/Dez. 2020 “Deus, Pátria E Família”: Os Sentidos Do Fascismo Brasileiro, Do Integralismo ao Populismo do Século Xxi. **79Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas**, Serra Talhada, v. 2, n. 7, p. 163-178, jul. 2020. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3855/482483904>. Acesso em: 23 set. 2022.

AS religiões no Brasil. Brasil, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/a-influencia-das-religoes-no-brasil/>. Acesso em: 23 set. 2022.

AUGUSTI, Waldir A. Teologia da prosperidade: o mercado da fé e a fé mercadologica. **Carta Capital**. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/teologia-da-prosperidade-o-mercado-da-fe-e-a-fe-mercadologica/>. Acesso em: 15 set. 2021.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro**. 2018. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2018/10/31/o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/?cn-reloaded=1>. Acesso em: 11 nov. 2022.

AZEVEDO, Wagner Fernandes de. **De onde vêm os demônios? A força evangélica neopentecostal na América Latina**. 2018. IHU. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/584072-em-edicao-de-onde-vem-os-demonios-a-forca-evangelica-na-america-latina>. Acesso em: 28 set. 2021.

BARBOSA, Peterson Almeida. **Abuso do poder religioso nas eleições**: a atuação política das igrejas evangélicas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020.

CALDERÓN, Fernando; CASTELLS, Manuel. Desenvolvimento humano, urbanização e desenvolvimento inumano. In: CALDERÓN, Fernando; CASTELLS, Manuel. **A Nova América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019. p. 104-119.

CARA típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta datafolha: Mulheres são 58% do grupo religioso, que é mais representativo na região Norte; negros são 59% dos fiéis. Belém, 13 jan. 2020. Disponível em: [Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha - 13/01/2020 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](http://www.datafolha.com.br/13/01/2020-Poder-Folha). Acesso em: 23 set. 2022.

CARLETTI, Ana *et al* (org.). **Religião e Relações Internacionais**: dos debates teóricos ao papel do cristianismo e do islã. Curitiba: Juruá, 2016.

COMO a bancada evangélica é influente na política brasileira: aborto, ideologia de gênero e casamento homoafetivo são pautas contrárias ao conservadorismo evangélico, uma das maiores forças do congresso. Brasil, 26 out. 2021. Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/como-a-bancada-evangelica-e-influente-na-politica-brasil-eira/>. Acesso em: 23 set. 2022.

DEUS, pátria, família': de onde veio o lema fascista usado por Bolsonaro? Brasil, 29 ago. 2022. **Uol**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/deus-patria-familia-lema-de-bolsonaro-tem-origem-fas>>. Acesso em: 23 set. 2022.

DOMÍNIO da fé e da política: o projeto de poder dos líderes evangélicos no Brasil: Sucesso de candidatos ligados à Igreja não se deve somente ao aumento do número de fiéis na sociedade brasileira. São Paulo, 17 jan. 2020. **Brasil de Fato**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/01/17/dominio-da-fe-e-da-politica-o-projeto-de-poder-dos-lideres-evangelicos-no-brasil>>. Acesso em: 23 set. 2022.

DOTTA, Renato Alencar. Um esboço necessário sobre a trajetória do integralismo brasileiro-da AIB ao ciberintegralismo (1932 a atualidade). **Boletim do Tempo Presente**, Brasil, v. 03, p. 1-15, 03 dez. 2012. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/586081018/4156-Texto-do-artigo-11817-1-10-20150918>>. Acesso em: 23 set. 2022.

PEREIRA, Eliseu. **Teologia do Domínio: uma chave de interpretação da relação atual entre a igreja e política brasileira**. 2022. Disponível em: <https://reporterbrasil.com.br/teologia-do-dominio-uma-chave-de-interpretacao-da-relacao-atual-entre-a-igreja-e-politica-brasileira/>. Acesso em: 10 nov. 2022

PINI, André Mendes. Desinformação e populismo radical de direita: o caso da eleição de Donald Trump em 2016. 2021. 302 f., il. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

EPISÓDIOS neonazistas crescem sob o governo Bolsonaro, aponta relatório.: Houve 114 casos registrados pelo Observatório Judaico de Direitos Humanos; a entidade destaca que o número praticamente dobra a cada ano. Brasil, 15 ago. **Carta Capital**. 2022. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/episodios-neonazistas-cresceram-sob-o-governo-bolsonaro-aponta-relatorio2/>>. Acesso em: 23 set. 2022.

FERREIRA, Manuela Lowenthal. Evangélicos e Extrema Direita no Brasil: um projeto de poder. **Fim do Mundo**, ., p. 46-71, jan. 2020. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1LDVPWew-ErK\\_wwlqoGR1dE2ZyCf3xh5T/view](https://drive.google.com/file/d/1LDVPWew-ErK_wwlqoGR1dE2ZyCf3xh5T/view)>. Acesso em: 27 out. 2022.

FERREIRA, Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat. **Religion, Politics and International Relations: selected essays | Jeffrey Haynes**. 2012. Resenha Crítica. Disponível em: <<https://www.resenhacritica.com.br/todas-as-categorias/religion-politics-and-international-relations-selected-essays-jeffrey-haynes/>>. Acesso em: 26 out. 2022.

FRESTON, Paul. "Neo-pentecostalism" in Brazil: Problems of Definition and the Struggle for Hegemony. **Archives de sciences sociales des religions**, p. 145-162, 1999.

KER, João. **Veja 5 decisões da "nova era" de Bolsonaro que prejudicam LGBTs**. 2018. Disponível em: <<https://revistahibrida.com.br/brasil/veja-5-decisoes-da-nova-era-de-jair-bolsonaro-que-prejudicam-lgbts/>>. Acesso em: 23 set. 2022.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da Religião**, [S.I], n. 1677-1222, p. 68-95, dez. 2008. Disponível em: <[https://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_mariano.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf)>. Acesso em: 01 out. 2021.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. Edições Loyola, 1999.

MENDES, Elenilton Oliveira. **Um estudo da terceira onda do pentecostalismo, à luz da sociologia da religião de Marx Weber**. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018. Disponível em: <<http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/bitstream/prefix/183/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Elenilton%20Oliveira%20Mendes.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2021.

MENEZES, Maria Eduarda Angeiras de. Neopentecostalismo e teologia da prosperidade na conservação do espírito do capitalismo na América Latina. *In*: I Congresso do Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião, 1., 2021, João Pessoa. **Anais eletrônicos[...]**. João Pessoa: CEPRIIR, 2021. p. 53-63. Disponível em: <<https://ceprir.files.wordpress.com/2022/04/neopentecostalismo-e-teologia-da-prosperidade.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2022.

MUDDE, Cas. **The far right today**. John Wiley & Sons, 2019.

PICOLOTTO, Mariana Reinisch. **O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações**. 2015. 22 f. Monografia (Especialização) - Curso de Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <[Vista do O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações \(ufrgs.br\)](#)>. Acesso em: 02 out. 2021.

PRADO, Michele. **Tempestade Ideológica: bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no brasil**. [S.I]: Lux, 2021

SENADO, Agência. **Damare Alves é eleita senadora no Distrito Federal**. 2022. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/10/02/damare-alves-e-eleita-senadora-no-distrito-federal>>. Acesso em: 26 out. 2022.

SMITH, Amy Erica. **RELIGION and BRAZILIAN DEMOCRACY: mobilizing the people of god**. [S.I]: Cambridge University Press, 2019. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1tzh\\_857c387X7ilArTrO4fl1508sLHPT/view](https://drive.google.com/file/d/1tzh_857c387X7ilArTrO4fl1508sLHPT/view). Acesso em: 29 out. 2022.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração, 2020